

DOI: <http://dx.doi.org/10.18817/ot.v17i30.811>

Entrevista ao pesquisador e professor da Casa de Oswaldo Cruz/ Fiocruz Marcos Cueto, realizada por Agostinho Coe (UFPI) e Tamara Rangel Vieira (Fiocruz)

Marcos Cueto graduou-se em História pela Universidad Católica de Perú (1982) e obteve o título de doutor em História pela Columbia University de Nova York (1988). Realizou seu pós-doutorado no Programa Science, Medicine and Society do Massachusetts Institute of Technology, MIT, (1990-1991). Foi professor da Universidad Peruana Cayetano Heredia e pesquisador do Instituto de Estudios Peruanos, IEP, ambos em Lima. Foi professor visitante nas universidades de Harvard, Stanford, Princeton, Columbia, Nova York e L'Institut de Hautes Études Internationales et du Développement de Genebra, assim como pesquisador visitante do Woodrow Wilson Center, sediado em Washington DC. e do Centro de História do Desenvolvimento Global da Universidade de Xangai, China.

Além disso, é autor de livros e artigos sobre a história do Peru no século XX, história da saúde na América Latina e história da saúde internacional com foco no século XX. Seu último livro foi escrito com Steven Palmer: *Medicine and Public Health in Latin America A History* (Cambridge University Press, 2015) pelo qual recebeu os prêmios George Rosen Prize 2017--The American Association for the History of Medicine, e melhor livro da Latin American Studies Association (Lasa) na seção de Saúde, Ciência e Tecnologia.

Atualmente, é editor da revista História, Ciências, Saúde Manguinhos, da Casa de Oswaldo Cruz e pesquisador da Casa Oswaldo Cruz, FIOCRUZ. As pesquisas que ora vem efetuando versam não apenas sobre a história da saúde na América Latina contemporânea, mas também a respeito da história da Aids no Brasil e da Organização Mundial de Saúde. É bolsista de Produtividade do Cnpq (2016-2019 & 2019-2022). Em 2017 foi eleito President Elect da Divisão de História da Ciência e da Tecnologia da União Internacional de História e Filosofia da Ciência e da Tecnologia (conhecida pela sigla em inglês DHST/IUHPST), sociedade científica internacional, sediada em Paris.

Tamara Vieira: “Em 1967, o historiador George Basalla escreveu um dos artigos mais citados, comentados e criticados da História das Ciências. Publicado na revista *Science*, o trabalho intitulado “The Spread of Western Science” (Basalla, 1993) teve ampla ressonância entre historiadores e cientistas sociais da ciência na época e, pode-se dizer, continua repercutindo mesmo passados mais de 50 anos desde a sua divulgação. Lançando mão de dois conceitos caros à teoria da dependência, em voga naquele período, o objetivo de Basalla era compreender a forma como teria se processado a expansão mundial da ciência moderna; segundo ele, isso se deu num percurso de mão única, ou seja, do centro (Europa Ocidental) para a periferia (o resto do mundo). Apesar de todas as apreciações negativas, as reações que seu modelo provocou contribuíram para que os historiadores da ciência ampliassem seus horizontes e passassem a considerar como relevante o estudo de outras regiões, além dos países europeus ou daqueles compreendidos como líderes da produção de conhecimento. Um novo campo de estudos foi aberto, voltado para a história da ciência colonial, e novos objetos e metodologias surgiram dessa reflexão crítica. Na esteira dessas mudanças, uma das mais originais e inovadoras foi a importância atribuída pelos historiadores à análise dos contextos locais, a partir dos quais seria possível perceber os movimentos de transferência e recepção da ciência de modo muito mais complexo, rico e criativo. O silêncio de Basalla a respeito dessa questão traduziu-se, pode-se dizer assim, em uma série de estudos que, de uma maneira ou outra, começaram a dar voz aos espaços considerados periféricos. Se Hebe Vessuri foi uma das primeiras historiadoras latino-americanas da ciência a utilizar o termo periferia em seus estudos (Cueto, 1989: 27), você talvez tenha sido um dos primeiros a repensar a ideia de ‘ciência periférica’, substituída pela forma mais nuançada de ‘ciência na periferia’, de modo a enfatizar as especificidades do contexto local e suas interações com a ciência internacional. Segundo suas análises, o conceito de periferia mereceria ser revisto, principalmente, porque impedia que se percebesse com clareza a dinâmica da atividade científica local (Cueto, 1996).

Passadas mais de duas décadas desde essas suas primeiras reflexões, como você enxerga esse debate hoje, tendo em vista outras ferramentas conceituais disponíveis ao historiador, como, por exemplo, a ideia de ‘circulação’ de Kapil Raj? Esse debate ainda faz algum sentido? Na sua opinião, o conceito de ‘circulação’ dá conta da necessária revisão/superação dessa engessada polarização centro-periferia?

Marcos Cueto: Uma importante virada para o local caracterizou a história das ciências latino-americana entre os anos setenta e oitenta do século passado. De maneira geral, foi parte de uma virada social e construtivista mais ampla que atravessou a história das ciências em distintas partes do mundo. De uma compreensão da ciência como um produto, passou-se a entendê-la como um processo marcado pela influência de fatores sociais, econômicos e políticos e de negociação entre diferentes atores. Até então, as histórias tradicionais da ciência e da saúde excluía fatores não científicos, como contingenciais locais ou o nacionalismo.

Além disso, os historiadores concentrados na virada social prestaram especial atenção aos conceitos vinculados à sociologia e à ciência política, como a institucionalização, a profissionalização e as contradições dos paradigmas de desenvolvimento nos países coloniais e pós-coloniais. Nessa virada, os conceitos chave para os historiadores foram a recepção, a recriação e as adaptações locais. A ênfase esteve nos estudos das dinâmicas institucionais, nas personagens, nas disciplinas e nos enquadramentos em contextos nacionais ou subnacionais. Segundo essas novas investigações, os latino-americanos não foram receptores passivos da ciência europeia ou norte-americana. Esses trabalhos tiveram em comum uma dura crítica a Basalla que acreditava que a difusão cultural realizada nas sociedades industrializadas era o único estímulo para a modernização científica dos países em desenvolvimento. Segundo Basalla, muitos desses países estavam presos em um estado de “ciência colonial”, no qual, não faziam muito mais do que imitar a ciências dos centros metropolitanos dos países industrializados. Recordo ter estado em uma reunião na Espanha com Basalla, no começo dos anos noventa, quando ele argumentou que seu modelo seguia sendo correto. Nessa reunião, tive a oportunidade de conversar com ele e perguntar o que ele estava lendo quando escreveu o famoso artigo na *Science*. Sua resposta foi que o encantava os livros de conquista militares (o que sugeriu que seu modelo se inspirou no difusionismo cultural que, muitas vezes, acompanhava as expedições militares). Seu modelo era consonante com os pressupostos dos programas de cooperação da Fundação Rockefeller em meados do século XX, e as políticas norte-americanas de modernização no contexto da Guerra Fria buscavam a hegemonia cultural no hemisfério ocidental e a supervisão do desenvolvimento. Esperava-se que a influência norte-americana fosse o principal estímulo à modernização da medicina e da ciência latino-americana e de outras regiões pobres do mundo, de uma maneira parecida ao papel que se acreditava que teve a investigação alemã nas universidades norte-americanas do século XIX. Historiadores latino-americanos criticaram a interpretação de Basalla como eurocêntrica. É importante assinalar o contexto desses estudos. Desde começos dos anos sessenta, intelectuais e cientistas renomados da região, assim como vários historiadores da ciência, estavam vinculados à elaboração de políticas

consistentes para os relativamente recentes conselhos nacionais de investigações e acreditavam em uma ciência nacionalmente comprometida com o desenvolvimento nacional. Os investigadores interessados na localidade também trouxeram uma mudança metodológica ao utilizar arquivos, fontes primárias e entrevistas orais (antes os historiadores da ciência latino-americana se baseavam em documentos publicados). Um modelo tanto da mudança historiográfica como da contraditória influência de Basalla foi o livro de Nancy L. Stepan sobre o instituto que Oswaldo Cruz criou no Rio de Janeiro, em começos do século XX (Stepan 1976). Segundo Stepan, os cientistas locais conseguiram adaptar criativamente e legitimar a bacteriologia por meio de discursos sobre a importância da ciência médica para o desenvolvimento do país. Ao mesmo tempo, seu livro não foi uma ruptura radical com as ideias de Basalla sobre a ciência colonial. Stepan considerava que o caso brasileiro era um exemplo atípico da “ciência colonial” e que uma verdadeira vida científica – matéria do seu primeiro capítulo – não havia existido durante o século XIX (por isso ela usou o termo “Beginnings” no título). De toda maneira, sua principal conclusão é que a transição da ciência colonial à ciência nacional era complexa e devia-se, sobretudo, a fatores locais. O livro teve uma grande influência em novos estudos. Outros historiadores seguiram Stepan - como Julyan Peard e eu porque foi nossa professora no doutorado na Universidade de Columbia nos Estados Unidos - tratando de mostrar que a institucionalização da ciência era um processo com avanços e retrocessos, sobretudo, locais; um processo em que se entrelaçava com a emergência de discursos sobre a utilidade da pesquisa na educação, no comércio, no crescimento populacional e no desenvolvimento econômico. Da mesma forma, existiu uma estratégia das elites locais para inserir seus trabalhos em redes do conhecimento mundial. Nós, também, procurávamos problematizar o uso do termo periferia de Hebe Vessuri, ressaltando a ideia de que nem toda a ciência da periferia era periférica e que podia ser significativa tanto a nível local, como mundial (Cueto, 1989).

Vendo, retrospectivamente, a virada local na história das ciências latino-americanas – que não deixou de ser uma perspectiva importante no trabalho dos investigadores – teve vantagens e riscos. Ela foi produtiva porque encorajou estudos sobre os discursos e as práticas científicas invisibilizados e sobre a capacidade dos investigadores de enfrentar condições adversas. O risco de escrever histórias locais era que elas acabavam sendo às vezes paroquiais e, nem sempre, mostravam a transcendência internacional ou o impacto social ou no conhecimento desses trabalhos científicos. Por outro lado, a ênfase na recepção local não objetava as grandes narrativas de modelos estrangeiros e supunham que os paradigmas científicos haviam sido gerados no exterior. Em suma, a noção de adaptação era uma inovação, mas, ao mesmo tempo uma armadilha que as vezes nos impedia de ver a importância da criação de conhecimento nos processos de circulação transnacional e limitava nosso

Outros Tempos, vol. 17, n. 30, 2020, p. 310 - 321. ISSN: 1808-8031

foco na recepção. Outra desvantagem foi que apesar de que se tratou de reconstituir as conexões regionais, as investigações comparativas acabaram sendo histórias paralelas similares com pontos de conexão não claramente estabelecidos. De toda maneira, o número de historiadores da ciência latino-americana cresceu e se modernizou com esta virada local.

Tamara Vieira: Enquanto pesquisadores da história das ciências e da saúde interessados nas relações entre região-nação e espaços de fronteira, notamos que nos últimos anos contextos diversificados e mais particularizados, distantes dos já tradicionais Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais passaram a ser privilegiados pelos pesquisadores no Brasil. Em alguns desses trabalhos, esse exercício de relativização acerca da posição periférica ocupada por determinadas regiões do globo é levado para dentro das fronteiras nacionais, de modo que a produção do conhecimento científico, as trajetórias de indivíduos e a própria conformação de comunidades médicas em determinados espaços são analisados à luz de um novo olhar, capaz de identificar o protagonismo de outros atores e o intercâmbio intelectual ativo mantido em locais considerados historicamente periféricos. **Como editor de um dos mais conceituados periódicos da área de História das Ciências e da Saúde, como você percebe a produção acadêmica que vem sendo realizada nos últimos anos com essa ênfase?**

Marcos Cueto: Como editor de *História, Ciência, Saúde - Manguinhos* tenho posição um pouco privilegiada que me permite ter uma impressão dos assuntos privilegiados pelos investigadores. Por exemplo, recebemos regularmente para avaliação estudos sobre as respostas políticas e as representações culturais de epidemias (em menor número do impacto demográfico). Outros temas sobre os quais há um grande interesse são a história de gênero e a história da raça que, muitas vezes, apresentam análises sobre a eugenia. Um incentivo a esses estudos é a crise das políticas de assimilação das populações indígenas e o fracasso da domesticação das mulheres em padrões tradicionais (ensaiadas desde os anos cinquenta). Além disso, nos últimos anos, há um maior acesso aos documentos de muitos dos centros oficiais que quiseram impor essa assimilação e a existência de uma rica literatura internacional da história do gênero, da raça e da eugenia. Também recebemos muitos manuscritos sobre a história da saúde mental, que acredito que é uma maneira de contribuir aos debates atuais sobre o normal e o patológico. Um tema adicional mais novo, especialmente entre historiadores jovens, é a combinação da história da saúde com a história ambiental.

Um problema vinculado a esses e outros estudos, muitas vezes concentrados em contextos, atores e fatores específicos, é que está acumulando-se uma densidade em vários desses

temas, sem ter uma clareza dos consensos, diferenças e desafios pendentes em termos historiográficos. Não há uma visão de conjunto dos avanços e lacunas na introdução e conclusões desses trabalhos. Temos tentando superar esse problema criando em nossa revista uma sessão de ensaios historiográficos, e temos pedido ou recebido uma visão geral dos estudos realizados nos últimos anos sobre gênero e história das ciências, ou meio ambiente, ou a historiografia sobre a febre amarela. Revisões que acredito que serão de grande utilidade para estudantes, investigadores jovens e outros investigadores e, inclusive, para o público em geral interessado em saber o que temos produzido. Seu propósito é registrar nossos trabalhos em uma tradição historiográfica que permita ter referências, marcos teóricos, notícias de fontes e, inclusive, debates sobre metodologias e interpretações.

Sobre o ocorrido nos estudos locais, é importante também dizer o seguinte: acredito que nos últimos vinte anos os estudos de história das ciências e da saúde em vários países latino-americanos tiveram três mudanças. Em primeiro lugar, se especializaram; se produziu um afastamento entre história da medicina e da saúde e outras áreas, como a história das ciências exatas, história dos saberes botânicos e história natural. Em segundo lugar, se produziu uma maior atenção às interações de cientistas de um país específico da América Latina com seus pares europeus ou norte-americanos, colocando em ênfase a capacidade dos primeiros em serem protagonistas de redes internacionais. Em terceiro lugar, se outorgou maior importância a atores não profissionais ou que não eram membros de uma elite médica como jornalistas, curandeiros, enfermeiras, pacientes e charlatões. Este último foi um reconhecimento que as discussões científicas e sanitárias transcendiam nos âmbitos universitários. A inspiração teórica proveio dos inovadores estudos de ator-rede de Bruno Latour e Michel Callon. O contexto desses trabalhos remonta-se a meados da década de 1980, quando começou a globalização e a derrubada dos regimes militares da região latino-americana. Movimentos sociais civis, sindicatos, Organizações Não-Governamentais e grupos feministas tinham novas preocupações que influenciaram a história das ciências. Esse processo de globalização se refletiu em políticas e trabalhos acadêmicos com temáticas como a AIDS e o meio ambiente, nos quais intervinham não apenas especialistas das universidades e do Estado, mas também ativistas que desafiavam as autoridades. No caso da AIDS e outros problemas de saúde, tornou-se evidente que muitas enfermidades não eram um problema exclusivamente biomédico, patrimônio dos especialistas, e que era fundamental ter em conta as experiências, percepções, vitórias e até os equívocos dos pacientes e dos ativistas. Em parte, por esses contextos, os historiadores da região prestaram atenção aos saberes populares sobre o corpo e as epidemias. Essa atenção às dimensões sociais as vezes adquire uma conotação política. Sob a lente do historiador, as epidemias revelam

problemas recorrentes nos programas de saúde oficiais, como: as respostas insuficientes e punitivas às emergências sanitárias; o acoplamento entre a desinformação, a desordem e o pânico, as virtudes ou misérias das lideranças políticas em saúde, a culpabilização dos grupos marginais, assim como a tendência a encontrar bodes expiatórios nas crises (o que alimenta o racismo e a discriminação) e a artificialidade de separação entre as tarefas de reabilitação, prevenção e tratamento. Outros problemas visíveis pelos estudos históricos foram a adversidade recorrente com a que se enfrentaram os recursos humanos em saúde e os pobres, que geralmente não tiveram pleno acesso aos serviços médicos e, na prática, não eram considerados cidadãos com plenos direitos sociais.

No caso da história ambiental houve também uma relação com as preocupações ambientais atuais. Esta última apoiou a ideia de uma nova Era geológica, denominada Antropoceno. A diferença dessa Era com as anteriores é que os seres humanos constituem a maior força na definição das características do planeta ou, dizendo melhor, no deterioramento dos sistemas naturais que rodeiam os seres humanos, como a água, o ar, a terra, o clima e a biodiversidade. Os debates científicos atraíam a atenção porque eram uma lupa que magnificava disputas que transcendiam os marcos profissionais convencionais e revelavam a ingerência do gênero, da raça e da pobreza no que fazem os cientistas. Também se estudou como as histórias locais se entrelaçam com forças metropolitanas e imperiais cujos protagonistas participavam ativamente em redes de conhecimento. Essa perspectiva disputou a validade das noções binárias de ciência moderna vs ciência colonial, e questionou o pressuposto de que fatores contingenciais locais explicassem por si só dinâmicas científicas nacionais, como geralmente era feito nos anos oitenta. Da mesma forma, às vezes, os estudos comparativos adquirem relevância. Os estudos de história das ciências coincidiram com um desenvolvimento mais consistente de programas acadêmicos, eventos e publicações especializadas. Uma geração jovem de historiadores esteve influenciada pelos estudos feministas, subalternos e pós-modernos com cujas referências, eles nem sempre mantinham um contato regular. Houve também um influência na história das ciências da história social, como a micro história italiana e a história das classes populares “história vista de baixo”, de E. P. Thompson. O significado de eventos específicos e a história dos pacientes, por exemplo, começou a ser atendida. Pouco a pouco a interação da história das ciências com a história ambiental se converteu em uma preocupação central dos investigadores.

Essa perspectiva produziu livros importantes como o de Jaime Benchimol sobre a complexa transição das ideias miasmáticas às bacteriológicas no Brasil. Benchimol se concentrou em um “perdedor” do pasteurianismo, Domingos José Freire, que ganhou reconhecimento em redes transnacionais, mas que seria posteriormente suplementado na história canônica da microbiologia

nacional por Oswaldo Cruz. Benchimol descreveu as estratégias heterodoxas de Freire para legitimar suas ideias (como seus artigos jornalísticos, suas publicações em francês na capital carioca e suas apresentações em teatros), revelando a frágil fronteira entre saberes acadêmicos e populares, assim como de eventos nas dimensões locais e globais.

Agostinho Coe: Nos últimos anos, toma forma uma discussão sobre o “retorno de uma história global”. Diferentemente de alguns movimentos históricos que primam pelo privilégio ao contexto ou à análise dos objetos numa perspectiva especializada, a exemplo da História Cultural francesa, História Social Inglesa, Micro-História italiana; na perspectiva da história global, seria possível aproximar realidades históricas, para além de fronteiras geográficas ou demarcações já cristalizadas no universo científico constituído. Inclusive, historiadores extremamente criticados por suas abordagens macroestruturais, hoje retornam ao debate como possibilidades teórico-metodológicas concretas, a exemplo do historiador francês Fernand Braudel, em obras como: 'Civilização e impérios do Mediterrâneo na época de Felipe II' (1949), 'O mundo atual' (1963), 'Escritos sobre a história' (1969), 'O Mediterrâneo' (1985). O historiador francês, Serge Gruzinski, por exemplo, defende a ideia de um “pensamento mestiço”, como alternativa aos conceitos de cultura ou identidade, como forma de romper as fronteiras que circunscrevem os sujeitos e processos históricos.

Qual a sua opinião sobre essa possibilidade interpretativa e o “retorno” de abordagens macroestruturais? De que maneira é possível pensar o local/nacional/global de forma a romper fronteiras geográficas, sem “caricaturar” realidades históricas distintas?

Marcos Cueto: Em geral, a história global me parece uma perspectiva muito interessante embora agora possa ser difícil fazer trabalhos nessa direção. Sem dúvida, nos últimos anos, uma virada global teve um impacto na história das ciências. No entanto, é possível argumentar que uma perspectiva global ou universal já existia com os pioneiros da história das ciências, em particular, com George Sarton – o primeiro editor da revista *ISIS* – e, no caso da América Latina, com um dos fundadores da disciplina pouco conhecido, Aldo Mieli. Ele foi um historiador italiano que na Argentina promoveu a história das ciências entre finais dos anos trinta e 1950. Mieli e seus discípulos embarcaram no ambicioso projeto enciclopédico chamado *Panorama general de história de la ciencia*, a primeira obra geral de história das ciências publicada em espanhol. É verdade que esses estudos eram eurocêntricos e coincidem com a perspectiva de Basalla ao alimentar o estereótipo sobre os obstáculos anticientíficos: a superstição indígena, o legado escolástico da religião católica e a precariedade do Estado. Seria fácil desqualificar o trabalho de Mieli como

positivista (isto é, como uma interpretação teleológica do devir histórico como o triunfo da racionalidade). Era algo mais que isso. Mieli e seus discípulos acreditavam em sua missão de manter o diálogo entre as disciplinas acadêmicas em qualquer parte do mundo e em usar a história das ciências como uma ponte entre as ciências e as humanidades. Seu trabalho teve, além disso, outro componente missionário por que queria mostrar que a América Latina, marcada por ditaduras, podia ser parte de um saber universal e que ele podia ser como uma ferramenta civilizadora e um antídoto aos estridentes discursos nacionalistas.

A recriação da virada global na América Latina no começo do século XXI – como algo quase completamente novo – propôs-se a examinar o movimento transnacional de documentos, livros, mapas, materiais de laboratório, artefatos técnicos, imagens e ideias de diferentes países, entre distintas culturas e inclusive em diferentes idiomas. O objetivo era transcender as fronteiras nacionais e não se limitar ao que fazia – ou desejava fazer – o Estado Nacional. Complementarmente, essa perspectiva se concentrou nos personagens intermediários como comerciantes, missionários, divulgadores e viajantes, que modificaram ou faziam inteligíveis produtos científicos em diferentes culturas. Um pressuposto importante é que o conteúdo do conhecimento se transforma na circulação do mesmo. Um autor chave é Kapil Raj que desafia o pressuposto que guiou por muito tempo os estudos de história das ciências, segundo o qual a Europa Ocidental foi a origem da ciência e, posteriormente, difundiu-se para outros lugares. Essa perspectiva apareceu durante a intensificação de processos políticos e econômicos no final do século XX, como a franca debilidade dos Estados dos países em desenvolvimento, o poder das corporações transnacionais e a visibilidade de organizações não-governamentais internacionais. Novos estudos históricos tentaram ser supranacionais e demonstraram como a geração e reconfiguração do conhecimento não estavam ligados aos marcos nacionais. O “global” e o “local” já não são apresentados como noções excludentes, mas como complementares uma a outra. De uma maneira parecida, outros estudos buscam escapar à dualidade ‘centro’ e ‘periferia’ e identificar os itinerários, as conexões, os encontros e os desencontros culturais e políticos. E, também, alguns estudos tratam de transcender o âmbito latino-americano para colocar no centro da análise localidades asiáticas ou africanas, ou o chamado Sul Global, questionando o pressuposto, típico dos anos oitenta, que a região tinha características culturais únicas.

No entanto, a virada ao global tem problemas pendentes. A incipiente especialização da história das ciências latino-americanas em subáreas específicas que vinculam o local e o global antes mencionada, lamentavelmente promove pouco diálogo entre elas. Dessa maneira, a hiperespecialização alimentou certa fragmentação e uma multiplicação de debates, as vezes

complexos e limitados. Outros problemas são a persistência da adversidade, a falta de profissionalismo, e o ecletismo e a falta de consistência do trabalho histórico. Os historiadores das ciências em muitos países latino-americanos têm dificuldade em assegurar sua existência como comunidade, por razões externas ou internas. Entre as externas encontram-se o apoio débil ou intermitentes às suas atividades. Entre as internas estão atitudes amadoras como, por exemplo, ignorar as discussões ou referências de trabalhos de autores considerados rivais pessoais. Outro problema importante é a glorificação retórica da História Global. Ela ocorre em parte por que a definição dessa História não está clara – como não estão claros os termos de história transnacional ou da *histoire croisée* usados em algumas investigações. Alguns estudos anunciam em seus títulos ou introdução que vão fazer uma história global, mas depois repetem perspectivas anteriores como a recepção de paradigmas internacionais ou comparação de eventos que não tiveram maior conexão. Alguns estudos utilizam o termo “global” no título, mas seguem considerando os atores e o contexto internacional como uma tela de fundo que deveria ser resumido ao começo do trabalho e cujas conexões locais não são claras. Um comentário pertinente a essa falta de clareza é que a circulação, implicitamente, promove a ideia de colaboração transnacional que está em certa oposição à ideia de enfrentamento e resistência com poderes estrangeiros que predominou nas ciências humanas e sociais da América Latina nos anos oitenta.

Por outro lado, não está clara as vantagens para os latino-americanos de se desfazerem de uma dimensão regional por completo. É certo que América Latina foi um conceito criado pela França no século XIX; mas também é verdade que durante o século XX o populismo, o autoritarismo e as inquietudes sociais fizeram os países latino-americanos mais parecidos. Da mesma forma, pelo menos desde a década oitenta, os frequentes contatos entre historiadores da região criaram uma densidade de conhecimento que não deveria ser desperdiçada. Considero que as fronteiras culturais regionais – e em alguns casos nacionais- são, todavia, relevantes no estudo histórico da circulação mundial de conhecimento.

Outro problema para instaurar essa perspectiva é que persiste uma forte tradição de trabalhar em arquivos nacionais, publicar em revistas de história nacional e dialogar com historiadores especializados em temas e periódicos específicos de um país. Uma razão que explica o anterior é que os historiadores latino-americanos têm problemas em obter recursos financeiros para visitar arquivos metropolitanos que se encontram em países desenvolvidos; essenciais para uma visão transnacional. Outra razão é o idioma. Muitos historiadores latino-americanos podem ler textos em idiomas diferentes ao seu, mas não tem a fluidez necessária para investigar documentos no exterior. O último motivo está vinculado a sua relativa visibilidade internacional por que quase não

Outros Tempos, vol. 17, n. 30, 2020, p. 310 - 321. ISSN: 1808-8031

publicam no latim da moderna ciência: o inglês. Finalmente, outro problema pelo qual não se consolida a virada global é o difícil contexto político atual. A sequele da crise econômica de 2007, o populismo de direita e o conservadorismo e protecionismo têm criticado a globalização e estimulado ataques irracionais a ciência; incluindo a história. Muito historiadores se perguntam se o que vivemos é um processo de desglobalização que pode afetar a perspectiva da história global. Acredito, pelo contrário, que nesse processo intervêm atores globais não-usuais – como os negacionistas científico religiosos – que têm laços transnacionais e requerem, para sua compreensão, dos historiadores do futuro.

AUTORES CITADOS

BASALLA, G. The spread of western science revisited. In: LAFUENTE, A.; ELENA, A.; ORTEGA, M. L. (orgs.). *Mundialización de la ciencia y cultura nacional*. Madrid: Ediciones Doce Calles, 1993.

BENCHIMOL, Jaime Larry. *Dos micróbios aos mosquitos: febre amarela e a revolução pasteuriana no Brasil*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz/Editora UFRJ, 1999.

CUETO, Marcos. *Excelencia Científica en la Periferia: Actividades Científicas e Investigación Biomédica en el Perú, 1890-1950*. Lima: Tarea, 1989.

_____. La excelencia en las ciencias biomédicas del siglo XX. In: SALDAÑA, Juan José (ed.). *Historia social de las ciencias en America Latina*. México: Universidad Nacional de México: Miguel Angel Porrua, 1996.

BRAUDEL, Fernand. *Afterthoughts on material life*. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1979.

_____. *Civilização material e capitalismo, séculos XfIXVIII*. Tradução por Maria Antonieta Magalhães Godinho. Lisboa: Cosmos, 1970.

_____. *Civilização material, economia e capitalismo, séculos XfIXVIII: I. As estruturas do cotidiano. II. Os jogos da troca. III. O tempo do mundo*. São Paulo: Martins Fontes, 1995. 3v.

_____. *EI Mediterraneo y el mundo mediterraneo en Ia época de Felipe II*. Mexico: Fondo de Cultura Económica, 1953. 2v.

_____. *História e Ciências Sociais: a longa duração*. 10: BRAUDEL, Fernand. *Escritos sobre a História*. São Paulo: Perspectiva, 1978.

GRUZINSKI, Serge. *O Pensamento Mestiço*. São Paulo: Cia das Letras, 2001.

Outros Tempos, vol. 17, n. 30, 2020, p. 310 - 321. ISSN: 1808-8031

_____. *As quatro partes do mundo: história de uma mundialização*. Tradução de Mourão, Cleonice Paes Barreto; Santiago, Consuelo Fortes. Belo Horizonte: Editora UFMG, São Paulo: Edusp, 2014.

_____. *A Colonização do Imaginário*. São Paulo: Cia das Letras, 2003.

STEPAN, Nancy. *Beginnings of Brazilian science: Oswaldo Cruz, medical research and policy, 1890-1920*. New York: Science History Publications, 1976.

VESSURI, Hebe. *El proceso de institucionalización*. In: SALOMÓN, J. J.; SARHS, C. (compls.). *Una búsqueda incierta – ciencia, tecnología y desarrollo*. México: Fondo de Cultura Económica, 1995.